

#### **4. Bernardino de Sahagún: os franciscanos na conquista espiritual da Nova Espanha<sup>1</sup>**

Anita Leocadia P. Costa, Keven Nunes de Castro e Sara Raquel Rodrigues de Araujo

Resumo: O artigo aborda o processo de evangelização na América espanhola, a partir da atuação da Ordem de São Francisco, com foco na obra de Bernardino de Sahagún, missionário da ordem menor, que se dedicou a estudar durante 30 anos a vida dos índios antes da colonização. O resultado da investigação do missionário, relatado em doze livros, tinha como principal objetivo abolir a religião dos mesoamericanos e aproximá-los da fé católica, utilizando métodos pacificadores de evangelização e de dominação espirituais e políticos.

Palavras-Chave: Colonização. Evangelização. Franciscanos. Bernardino de Sahagún.

---

<sup>1</sup> Graduandos do curso de História pelo Centro Universitário de Brasília (UniCEUB).

## **Introdução**

Durante todo o processo de colonização houve um grande debate a respeito do estado de natureza em que se encontravam os mesoamericanos que eram integrados nos imaginários europeus através das narrativas de viajantes cheias de estereótipos como o de bárbaros e demoníacos. Eram vistos como um bloco homogêneo e descritos figurativamente como bárbaros e demoníacos; a difusão desses estereótipos “constituiu uma forma de absorver a diversidade cultural encontrada no novo mundo. O índio seria integrado ao imaginário ocidental recebendo uma classificação e um valor.” (POMPA, 2003: 37-38)

Nesse contexto, o Papa Paulo III reconheceu índios como homens e mandou que os conduzisse à fé cristã por meio da pregação do Verbo de Deus e do exemplo. Essa bula foi a legitimação necessária para a imposição da fé dos conquistadores com o objetivo de construir o Reino de Deus na Terra que era habitada por aqueles povos virgens, onde a fé verdadeira livraria a Igreja e o mundo dos pecados em busca da salvação às vésperas do fim do mundo. Essa dicotomia presença\ausência de religião impossibilitava possíveis mediações, tornando as relações baseadas no binômio opositivo verdadeira\falsa religião. Assim, se tornou teologicamente possível a comunicação e a obra de catequese dos selvagens pois, havia a necessidade, filosófica e teológica, de atribuir aos índios um “credo”, mesmo que vago ou errôneo. Cristina Pompa afirma que “Os homens do século XVI, principalmente os franciscanos, viram na descoberta de outros povos (para muitos, os descendentes das tribos perdidas de Israel) os sinais da plenitude dos tempos e da chegada da ‘undécima hora’ (Mt 20,1)” (Idem, idem: 59)

A narrativa em busca do Eu (europeu) tem por produto final a invenção do Outro (indígena). Pela forte ligação com o estado e por meio de instrumentos como as Missões Religiosas, a Igreja foi aliada fundamental para manter o domínio espanhol sobre as sociedades coloniais do século XVI, desenvolvendo papel central para a dominação dos povos do “Novo Mundo”, na cristianização e na conquista espiritual dos indígenas,

entre eles os Incas, os Maias e os Astecas – todos considerados inferiores, pagãos, sem fé e sem cultura.

Ao escrever sua obra *Historia de las cosas de la Nueva Hespaña*, Bernardino de Sahagún “tinha como meta a conversão dos indígenas. Sendo um missionário espanhol, ele se esforçou para abolir a antiga religião e os costumes dos mesoamericanos, acreditando que os conhecendo melhor poderia aproximá-los da religião cristã.”(ALVIM, 2005: 5)

Ocorre que durante o processo de evangelização prevaleceu o desejo de aprofundar seus conhecimentos e preservar a cultura mesoamericana e a partir dela propagar com mais facilidade a religiosidade europeia. Outro diferencial de Sahagún foi sua abstenção de julgar a cultura nahua, pois até onde sabemos não constam em seus textos juízos de valor sobre a cultura do Outro. Esse menor inaugurou em suas pesquisas um aspecto histórico-antropológico.

Nesse sentido, este artigo busca colaborar para uma compreensão sobre o momento de colonização da América Latina pelos europeus, bem como contribuir para uma reflexão sobre o método usado por Bernardino de Sahagún, que pretendia a partir do conhecimento de uma cultura e modo de vida dos indígenas, desenvolver um projeto evangelizador eficaz e que melhor atendesse tanto aos interesses de dominação quanto espirituais como políticos.

### **Os franciscanos no processo de evangelização na Nova Espanha**

Introduzindo forçosamente a religião predominante na península ibérica, à Igreja foi conferida a missão de “apressar a submissão e a europeização dos índios e pregar a lealdade à Coroa de Castela”, que em troca lhe oferecia cargos no clero e obras que favoreciam a evangelização, benefícios que resultavam em notoriedade para a instituição religiosa. Nesse processo de evangelização, quatro grandes ordens cumpriram papel preponderante: os Dominicanos, os Agostinianos, os Mercedários e os Jesuítas. Porém, foram os missionários religiosos franciscanos que, por supostos interesses políticos ou econômicos da coroa, efetivamente participaram da formação espiritual dos indígenas; sua função era ser os intermediários entre os espanhóis e os nativos e fornecer homens para a obra missionária em novas áreas de colonização.

Se constituindo como “aqueles que estão com o povo”, a noção de fraternidade franciscana se apresentava como o modelo de unidade interna da Ordem de São Francisco, se transformando na mais numerosa da Igreja Católica.

Entre 1524 e 1577 chega a primeira missão franciscana organizada e composta pelos chamados doze apóstolos missionários, chefiada por frei Martin de Florência. Por ser a primeira ordem a chegar à Nova Espanha foram recepcionados com honrarias por Hernan Cortes, estabelecendo uma aliança entre Igreja e Coroa.

Ana Maria Bidegain destaca que unidas conquista e missão, a mentalidade com que será feita a colonização e a evangelização dos novos territórios estará assinalada pelo interesse de se produzir, em primeiro lugar um aumento dos adeptos da religião católica; em segundo lugar uma pregação do evangelho no sentido de doutrina, uma proclamação verbal da mensagem em função da salvação das almas; e, em terceiro lugar, a redução dos índios assimilando assim à conversão e à sujeição do poder real (BIDEGAIN, 1993).

Entre as primeiras medidas tomadas pelos padres da Ordem de São Francisco na primeira fase da evangelização do Vice-Reino da Nova Espanha, estava a de organizar as escolas que se converteriam nas futuras sedes do saber e da aprendizagem.

A partir de 1525, tendo à frente Pedro de Gante, Martin de Valencia e Toribio de Benavente, o Motolinia, atuam buscando a conversão por meio da educação de crianças, por serem aquelas que melhor se adaptavam ao doutrinamento. Além disso, foram criados centros de educação missionários para atender jovens religiosos dispostos a trabalhar nas colônias ibéricas. Nesse sentido:

“Contaram logo com mais de mil filhos de notáveis (principales) na escola do convento de San Francisco; os alunos eram submetidos a um internato rigoroso que apresentavam a vantagem de subtraí-los a influencia paganizante dos parentes e mais ainda dos antigos. O método era claro e radical... A educação franciscana insinuava-se num universo em que o enquadramento das crianças tinha sido de uma rigidez excepcional. As obrigações monacais, os estudos pontuados por missas e preces, que os jovens indígenas estavam descobrindo lembravam os ritmos austeros do calmecac. Mas os franciscanos esforçavam-se arrancá-los de sua tradição, apagando de suas mentes “essa

memori perniciososa” que se confundia com a idolatria. Inculcavam-lhes novos valores (GRUZINSKI e BERNAND, 2001: 422 ).

Gruzinski destaca ainda que a conquista das almas foi feita não só pela palavra e pela escola, mas também pelo gesto, pelo som e pela imagem. Para isso, contaram com a fundamental participação do franciscano flamengo Pedro de Gant que, em oficinas próximas à capela de San José, formavam com as artes e as técnicas europeias pintores, escultores e copistas que reproduziam as telas e gravuras trazidas da Europa, ensinando também ofícios mecânicos a artesãos, alfaiates, sapateiros e carpinteiros indígenas.

Fazia também parte desse processo de aniquilamento da memória e de uma cultura, a destruição de livros, de templos e de ídolos do “demônio”, conforme destaca Gruzinski: “Em seis anos, cerca de 500 templos e mais de 20 mil estátuas desapareceram sob o manto protetor do novo Deus”. Fernando Baez relata que frei Juan de Zumárraga - monge da Ordem de Abrojo - primeiro bispo do México e tido como protetor dos índios - em 1530, fez uma fogueira em Tezcoco com todos os escritos e ídolos que recolheu dos mexicas para que os mesmos não sofressem a tentação de cair no paganismo. No processo de conversão o passado é abolido “porque o presente e o passado são antagonistas, enquanto que o presente e o futuro são solidários”(LE GOFF, 2001).

Essa destruição é um dos exemplos que nos remete à “batalha pelo monopólio da santidade” se caracterizando também como uma luta moral pelo poder simbólico na qual os europeus buscavam apoderar-se dos instrumentos culturais, símbolos e “linguísticos” que seriam utilizados para a disseminação de conteúdos voltados para a fé católica.

Em 1536 os missionários fundam um dos maiores expoentes de seu trabalho, o Colégio de Santa Cruz de Tlatelolco. Tendo como patrono Juan de Zumárraga- o mesmo frei que seis anos antes destruiu com fogo todos os registros simbólicos dos astecas – e o vice-rei de Mendonza, esse centro educacional tem como objetivo principal fornecer educação de nível superior aos filhos da nobreza indígena e servir como centro de pesquisas de cultura mesoamericana. Em diferentes momentos este colégio contou com os ensinamentos do linguista Afonso de Molina e dos cronistas Andrés de Olmos, Jerônimo de Mandieta e Bernardino de Sahagún, encarregados de instruir as primeiras gerações de alunos.

“Os franciscanos organizaram com o apoio de Carlos V, o famoso Colégio Superior de Santa Cruz de Tlatelolco que tantas apreensões suscitaram em seus impugnadores. A orientação desse colégio correspondia a do ‘humanismo renascentista’, mas buscava que seus alunos não esqueceriam suas próprias raízes culturais. Os idiomas oficiais eram o latim e o náhuatl, embora mais tarde ensinasse o castelhano. Progressivamente, os estudos foram sendo ampliados. Uma vez consolidados, ensinava-se no colégio de Tlatelolco, entre outras matérias nahuátl, latim, música, retórica, lógica, filosofia e teologia” (CAYOTA, 1992 apud LOPES, 2011).

Porém, depois de viver seu apogeu, apesar do empenho dos missionários, por falta de recursos o colégio caiu em decadência, sendo necessário transferir sua administração para os indígenas e, posteriormente, novamente para os franciscanos, sem jamais conseguir recuperar a referência inicial.

Após o processo de transformação da adaptação do ensino e derrubada de templos, iniciam um novo método de conquista que buscava a salvação das almas. Esse novo método de aculturação pode ser observado quando os missionários mostram o número de conversões e de batismos em massa, realizados com sucesso graças à cooperação mútua estabelecida entre Igreja e Nobreza.

“Um milhão de batismos em 1531, nove milhões após quinze anos de apostolado, médias de cem mil indígenas por religioso, com picos de trezentas mil almas” (GRUZINSKI&BERNAND, 2001: 422).

A imposição da moral católica se deu também no âmbito dos papéis familiares onde se impôs a monogamia, característica essencial da família cristã. O resultado dessa iniciativa foi desastroso, com inúmeros naufrágios humanos: “as esposas secundárias tornaram-se concubinas desprezadas e jogadas na rua, seus filhos foram reduzidos ao estado de bastardos deserdados e sem perspectivas e foram engordar as fileiras das vítimas da Conquista.” (Idem, idem: 419).

Porém, apesar de todas as transformações, os franciscanos ainda enfrentavam problemas para estruturar em sua totalidade a conversão dos indígenas, sendo motivo de maior preocupação: a idolatria – culto às divindades mesoamericanas.

Comungando com as mesmas preocupações e pensamento dos demais missionários se insere Bernardino de Sahagún, que também via a necessidade de extinguir as antigas

práticas ritualísticas e os cultos voltados para as divindades daquele povo, defendendo a conveniência de primeiramente conhecer a cultura indígena para depois convertê-la.

### **O catolicismo utópico de Bernardino de Sahagún**

Jacques Le Goff ressalta que “o monge franciscano queria ser um modelo para o conjunto da sociedade e sua ascese tinha por finalidade não apenas a sua salvação pessoal, mas a salvação do mundo por sua intercessão junto a Deus”. Embebido desse monasticismo ideia típico de sua Ordem, vários franciscanos vieram ao Novo Mundo para serem modelos a serem seguidos pelos povos recém-conquistados e nessas terras virgens criar um catolicismo utópico, distante das influências protestantes vigentes na Europa. Entre esses missionários trazidos por Cortes destaca-se Bernardino de Sahagún. Não sabemos muito sobre esse franciscano, o que sobrou é o relato de outro missionário chamado Jerónimo de Mandieta escrito no Quinto Volume do seu livro *Historia Eclesiástica Indiana* que data do final do século XVI.

Nasceu em 1449 na Vila de Sahagún província de Leão no território que hoje pertence à Espanha. Aos 14 anos ingressou na Universidade de Salamanca para terminar seus estudos e nesse período tornou-se padre. Ali aprendeu sobre antiguidades clássicas e teologia; até que lhe surgiu o interesse por estudar integralmente a cultura até então desconhecida dos nativos da região central do México (particularmente a população do Valle de Puebla, Tlalmanalco, Xochimilco e México-Tenochtitlan) que estavam sendo conquistados.

Na chegada ao continente recém-descoberto, em 25 de janeiro de 1529, Sahagún encontrou muitos obstáculos. Para vencer as barreiras existentes entre os dois mundos fez-se necessário aprender a principal língua nativa, o Nahuatl, elemento principal para iniciar o processo de evangelização.

“Os franciscanos e outros religiosos vindos da Espanha são os primeiros a aprender a língua dos vencidos, e ainda que este gesto seja completamente interessado, tem muita significação: mesmo que seja unicamente para melhor assimilar o outro a si, começa-se por assimilar, pelo menos parcialmente, a ele.” (TODOROV, 1996: 218)

Fluente em Nahuatl e sendo professor no colégio de Tlateloco, Bernardino aproveitou para aprofundar seus conhecimentos não somente sobre a língua local, mas também sobre a cultura nahua, o que se tornou fundamental para a construção dos seus escritos.

Seus conhecimentos podem ser observados na sua principal obra História Geral de las cosas de Nueva España, coletânea de doze livros, onde ele se propõe a descrever a antiga religião dos nativos para facilitar a expansão do cristianismo, baseando-se em discursos rituais dos astecas. Sahagún registrou o que acreditava ser útil para o dogma, a cultura e a duração da fé cristã entre os nativos da Nova Espanha com o objetivo de facilitar a catequização, sob o manto de uma ilusão de preservação da cultura nativa. Outra forma utilizada por ele para a catequização se constituía em sermões sobre textos bíblicos e biografias de santos, traduzidos em nahuatl. Assim Sahagún justifica sua postura:

“É preciso conhecer os modos dos futuros conversos, assim como para curar uma doença é preciso conhecer o doente. [...] Os pregadores e os confessores são os médicos das almas e, para curar as doenças espirituais, convém contra essas coisas, e para saber se ainda existem, é necessário saber como eram usadas no tempo da idolatria.” (SAHAGÚN apud TODOROV, 1996: 220)

Em outras palavras: os trabalhos apostólicos por ele efetuados não poderiam ser feitos adequadamente se não houvesse um conhecimento profundo daqueles que considerava como recém-vencidos. É o que certifica Miguel L. Portilla:

“A través de sus contactos con los estudiantes de Tlatelolco y con otros indígenas de diversos lugares del Valle de Mexico, fray Bernardino llegó a persuadirse de que para poder realizar con fruto sus labores apostólicas entre esas gentes recién vencidas, era menester comprender a fondo su manera de ser y en una palabra sus antiguas prácticas y tradiciones, sus ideas acerca de si mismos, la naturaliza y la divinidad.” (PORTILLA, 1996: 7)

Até 1536, Sahagún dedicou-se integralmente ao trabalho missionário e colaborou com a conversão de vários indígenas em diversas cidades do Vale do México. Em 1546, após seu retorno ao Colégio de Tlatelolco, foi infectado por uma grande peste que assolou a região em que se encontrava e que matou milhares de pessoas. Preocupados com seu estado de saúde os frades que o acompanhavam chamaram os anciãos e perguntaram a eles como os doentes eram tratados antes da chegada dos conquistadores; estes, por sua vez, responderam que eles dirigiam orações ao deus Tezcatlipoca. Nesse momento, Bernardino de Sahagún traduz para o espanhol essas orações, constituindo-se esse



momento o início de seu trabalho de pesquisa sobre a vida dos índios antes da conquista.

Nessa época, o cronista conheceu a obra do frei Andrés de Olmos que, assim como Sahagún, se empenhou em recolher textos, traduções e discursos de anciãos (conhecidos em náhuatl como Huehuetlatolli ou práticas dos antigos) que o ajudasse a compreender as instituições pré-hispânicas. Esse material também foi usado por Sahagún juntamente com as visitas feitas a diversos lugares como Huexotzinco e “Tula de los toltecas”, que também contribuíram para conhecer mais profundamente cada vez mais a vida dos indígenas antes da chegada dos espanhóis.

Começou, então, a desenvolver seu projeto que se constituiu em três etapas voltadas para a catequização cristã – sendo a preservação da cultura nauhatl uma consequência não prevista da evangelização.

A primeira consistia em recolher oralmente todos os temas da cultura nahuatl a serem investigados através de um questionário elaborado pelo cronista, que devia ser respondido pelos mesoamericanos mais hábeis e inteligentes selecionados pelos anciãos e principais líderes locais. Esse método de investigação deveria ser aplicado em todas as cidades por ele visitadas.

Portilla nos chama a atenção para o fato de que esses anciãos foram estudantes nos centros nahuas de educação antes da chegada dos espanhóis, nesses centros de educação a aprendizagem era baseada na oralidade. Os testemunhos foram divididos em três categorias: as que foram resultados das respostas aos questionários sistemáticos; as que contém expressões mais espontâneas dos informantes e o conjunto de textos que foram recordações de antigas tradições de origem pré-hispanica (PORTILLA, 1992:127).

A dúvida de Leon Portilla e demais historiadores é se em muitos casos os ajudantes de Sahagún não responderam aos quesitos de acordo com seus próprios interesses, enfatizando aspectos da vida mesoamericana que atendessem a moral cristã.

“A possibilidade de manipulação das informações por parte dos informantes e ajudantes nos indica a importância da efetiva participação indígena. Contudo, as informações manipuladas não refletiam automaticamente e fielmente o universo pré-hispânico, mas responderam aos anseios e objetivos colocados por europeus” (ALVIM, 2005: 8).

Exigindo a memorização do que foi aprendido nos centros de formação pré-hispanicos, Sahagún conseguiu que os índios interpretassem os códices e pinturas, mais especificamente os pensamentos e tradições nahuas.

Após o processo de recolhimento de fontes orais, era preciso transcrever tudo o que havia sido ensinado. Essa segunda fase do projeto ficou por conta dos jovens estudantes de Tlatelolco discípulos de Sahagún que também copiaram as pinturas e os códices, calendário das festas em homenagem aos deuses, textos sobre artistas nahuas e suas obras, mitos, lendas, ideias morais e religiosas, filosofia, história e textos que descreviam a fauna e a flora da região; a obra consta inclusive com uma versão indígena da conquista de seus territórios.

Márcia Helena Alvim (2005: 2) afirma que “sua organização e estrutura remontam aos padrões da hierarquia medieval, onde em primeiro lugar encontramos os assuntos divinos, seguidos por temas relativos ao homem e, por último, sobre os conhecimentos da natureza.”

A obra completa de Sahagún ficou conhecida por Códice Florentino e continha duas colunas, uma com o texto em espanhol e a outra com o texto em nahuatl, juntamente com as pinturas indígenas produzidas durante três anos, por escrivães e artistas indígenas e que podem ser consideradas como interpretações dos temas expressos no texto escrito. Finalmente, a partir daí a obra passou por um processo de revisão, principalmente os textos que abordam temas como as idolatrias e as crenças religiosas. Isso se devia a dois motivos; o primeiro deles era o fato dos evangelizadores desconfiarem que os mesoaméricos aceitavam a nova fé, mas praticavam sua antiga religião simultaneamente. O segundo motivo era o medo de acontecerem erros e equívocos teológicos e até falsidades.

Equivocadamente as autoridades eclesiásticas acreditavam que os tratados sobre os rituais indígenas representariam um perigo e que estes poderiam ser usados como divulgadores da idolatria. No entanto, o objetivo de Sahagún era exatamente o contrário, revelar a idolatria para melhor combatê-la. Suas ações estavam completamente coerentes com os pensamentos e perspectivas cristãs de sua ordem religiosa.

A coletânea de doze livros é considerada hoje fruto da primeira investigação etno-histórica integral. Isso se deve ao fato de que o frei Bernardino de Sahagún acreditava

que para iniciar um processo de mudança em qualquer grupo humano é indispensável começar com uma investigação completa sobre suas instituições e padrões culturais, histórias e meio ambiente. Essa visão que hoje parece óbvia foi um escândalo para os homens do século XVI. O critério de investigação adotado por Sahagún permitiu o contato direto com os povos conhecidos popularmente por astecas, sendo também uma base sólida para um estilo de catequização não-violento, em meio ao processo de mudança e aculturação que estavam afetando as populações nativas após a conquista.

Em fevereiro de 1590, Bernardino de Sahagún foi vítima de outra epidemia e veio a falecer. O projeto de tradução que desenvolveu juntamente com outros missionários “de campo” gerou a produção de uma religião “híbrida”, no interior de uma cultura de contato e alteridade.

### **Considerações Finais**

Nesse artigo ressaltamos a importância dos mendicantes, da igreja e dos seus respectivos sacerdotes em todo o processo colonizador na América Espanhola, lembramos que a maioria das heranças culturais, sociais, políticas e principalmente religiosas, de todos os habitantes deste novo continente foi em grande parte construída e estabelecida pelos Franciscanos e é inegável sua significativa parcela de contribuição também na educação catequizadora. Desse processo de evangelização desenvolvido por missionários como Sahagún originou-se uma religiosidade híbrida em que se perpetuam elementos identitários de ambas as culturas (européia e mesoamericana).

### **Referências Bibliográficas**

ALVIM, Márcia Helena. *Um franciscano no Novo Mundo: frei Bernardino de Sahagún e sua Historia General de las cosas de Nueva España*. Estudos Ibero-Americanos. PUCRS, v. XXXI, n. 1, p. 51-60, junho 2005.

BAEZ, Fernando. *A história da destruição cultural da América Latina: da conquista à globalização*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

BERNAN, Carmen. *História do Novo Mundo: Da Descoberta à Conquista, uma Experiência Européia, 1492-1550*. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2001.

BIDEGAIN, Ana Maria. *História dos Cristãos na América Latina*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1993.

LE GOFF, Jacques. *São Francisco de Assis*. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2001.

LEÓN-PORTILLA, Miguel. “Significado de la obra de fray Bernardino de Sahagún” in *Estudios de Historia Novohispana*, nº 1, Vol.1, 1996.

LOPES, Juan Ignacio Jurado Centurión. *Os franciscanos na Nova Espanha: crônica de uma experiência humanista através do seu epistolário, 1523-1583*. Recife, 2011.

POMPA, Cristina. *Religião como tradução: missionários, tupi e tapuia no Brasil colonial*. Bauru, SP. EDUSC, 2003

TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América: a questão do outro*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.